

**A AUTOMUTILAÇÃO NA ADOLESCÊNCIA E SEUS
DESAFIOS NO AMBIENTE ESCOLAR**

**SELF-MUTILATION IN ADOLESCENCE AND ITS CHALLENGES
IN THE SCHOOL ENVIRONMENT**

**LA AUTO-MUTILACION EN LA ADOLESCENCIA Y SUS
DESAFÍOS EN EL ENTORNO ESCOLAR ¹**

Vitória dos Santos Souza

E-mail: vitoriadsantossouza4@gmail.com

IFSP - Instituto Federal de São Paulo, Campus Avançado em Tupã, SP

INTRODUÇÃO

O estudo a respeito da automutilação entre discentes do Câmpus Avançado do Instituto Federal em Tupã, SP, se impôs de duas formas: uma, quando após palestra de psicólogas e bombeiros sobre suicídio em função da campanha municipal “Setembro Amarelo”, dezenas de alunas/os confessaram aos palestrantes suas tendências suicidas, bem como mostraram marcas de automutilação; outra, diante da repercussão na comunidade escolar, Vitória (pesquisadora discente deste projeto) e eu (professor de sociologia do Câmpus) tomamos a iniciativa de pesquisar o fenômeno, o que rapidamente nos tornou alvos da confiança de algumas alunas que nos procuraram para enfrentarem o problema. Ao perceber este cuidado, mais uma aluna recém ingressa no primeiro ano do Ensino Médio Integrado uniu-se às discussões. Assim, a pesquisa ganhou um novo contorno, o levantamento bibliográfico se casou com o acompanhamento dos casos que trouxeram as discentes espontaneamente para o debate. Além dessa configuração inicial, Fabi Andreani, professora de Educação Física da unidade, aprovou e começou a desenvolver o projeto de extensão “Música, Lazer e Cultura” para ajudar a combater os efeitos deletérios de angústias mal elaboradas na adolescência de estudantes da comunidade em geral, para além do Câmpus. Desse modo, aprofundou-se a discussão bibliográfica paralelamente a estudos de casos a serem desenvolvidos. Mais do que isso, pretende-se agora, para além dos objetivos iniciais propostos, verificar os efeitos do projeto de extensão “Música, Lazer e Cultura”.

¹ O trabalho obtém financiamento da Pró-Reitoria por meio do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica e Tecnológica do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia de São Paulo (PIBIFSP)

Preliminarmente, consolidou-se uma discussão bibliográfica em que se demonstrou a eficiência educacional do ensino relacionado à pesquisa e à extensão. A partir de Durkheim, estabeleceu-se um diálogo central com Freud, Mauss e Le Breton. Deste diálogo, podemos chegar a alguns resultados preliminares. O conceito de técnica do corpo, de Marcel Mauss, bem como sua hipótese de que a educação deve obter primazia frente à imitação demonstraram-se férteis em análises. Sobre a supremacia necessária da educação sobre a imitação, Mauss observa que esta última ocorre ao acaso e beneficia arbitrariamente os que tem mais facilidade em imitar o modelo. Por isso, a educação deveria assumir o papel de distribuir melhor o reconhecimento social a partir de autoridades que sejam exemplares da vantagem (social, moral, econômica, política) que consiste em seguir as normas. A pesquisa gerou uma corrente de relações sociais que se inicia no auto-reconhecimento da pesquisadora por meio dos tipos sociais durkheimianos de suicídio: o egoísta, o altruísta e o carismático. A pesquisadora se identificou de início com o caso egoísta; entretanto, em pouco tempo, percebeu que havia trafegado para a tendência anômica. Nesse interim, não havia mais automutilação e o desejo suicida parecia distante. A força dessa engrenagem social no meio da escola se manifestou no grande número de adolescentes que nos procuraram para desabafar, dentre eles, pelo menos três casos chamaram a atenção pela limpidez com que transpareciam as contradições identificadas ao longo da discussão teórica: o caso Vênus, Diana e Ariadne. O gênero confrontado ao incremento de sua condição de classe social, de estamento, de poder, de faixa-etária, de representação social transparece na análise comparativa dos casos.

METODOLOGIA

O principal vetor de resultados qualitativos foi o atrelamento da discussão bibliográfica com casos que se juntaram espontaneamente ao processo de pesquisa durante os encontros entre pesquisadora e orientador no Câmpus. Em relação à hipótese inicial de que não encontraríamos casos de tendências anômicas entre adolescentes escolares, acreditamos que a principal descoberta foi a da possibilidade de haver estado anômico entre discentes do ensino médio integrado da nossa unidade de ensino. Para isso, tratou-se de verificar como ela se manifestou no contexto educacional da própria atividade de pesquisa. A relação que se estabeleceu entre sociologia, antropologia e psicologia nos permitiu avançar até resultados qualitativos cheios de significação social para esclarecimento do fenômeno da automutilação como ele se manifestou

espontaneamente para a pesquisa. Decidiu-se para análise de caso uma combinação de elementos dissertativos com etnográficos para dar conta da dinâmica que se desenvolveu durante a pesquisa. Optou-se para este primeiro relatório pela escrita conjunta para que houvesse uma troca entre pesquisadora e orientador sobre as dificuldades da escrita acadêmica e, logicamente, da complexa gramática da língua portuguesa. O relatório final obedecerá a outra dinâmica, ele será estruturado/executado pela bolsista e analisado/adequado em conjunto com o orientador.

Para definir o conceito de automutilação ou de autodano consideramos satisfatória para nossos fins a problematização que os psicólogas/o Paula Castilho, José Pinto Gouveia e Elizabete Bento desenvolveram para tratar do assunto. Elas/e admitem uma insatisfação com as definições até então desenvolvidas e agregam uma abordagem à outra para preencher lacunas deixadas pela complexidade da questão. Nesse movimento, elas/e reconhecem que, acima de tudo, trata-se de uma destruição consciente do tecido corporal sem a intenção de se matar. Há estudos que indicam maior incidência entre o gênero feminino e outros que comprovam taxas semelhantes entre os gêneros feminino e masculino. É consensual que a faixa etária entre os 14 e os 24 anos contém o maior índice de casos. Indo da ordem da maior para menor frequência, ocorrem os seguintes casos: cortar-se, bater-se, beliscar-se, morder-se, picar-se com alfinetes ou agulhas, arranhar-se intensamente e/ou queimar-se com cigarros. Finalmente, as/o autoras/or concordam que o comportamento de autodano vem associado a um forte risco de suicídio (CASTILHO, GOUVEIA & BENTO, 2010, pp. 332 - 333).

As causalidades psíquicas descritas pela literatura psicológica consultada devem ser cotejadas com algumas premissas sociológicas e etnográficas, especialmente com as herdeiras diretas ou indiretas do estruturalismo da antropologia de raiz durkheimiana. Ao fazer o recorte pelo tema do corpo dentro desta análise de cunho etnográfico, desenrolaram-se mais do que sentidos, significados, símbolos e possibilidades, desenrolaram-se histórias concretas, enfrentamentos efetivos que obtiveram resultados distintos e, de toda forma, resultados que muito importam ao conhecimento do fenômeno do autodano ou automutilação no contexto da adolescência no ambiente escolar. Caminhando desde a luta ferrenha de Durkheim pra marcar as fronteiras entre a sociologia e outras áreas do pensamento que discutem as relações sociais, passando pela etnologia ousada e inspiradora de Marcel Mauss até a consistente e madura etnografia sobre o corpo na sociedade contemporânea de David Le Breton obtivemos noções inquietantes que,

acreditamos, sejam noções úteis tanto ao pensamento social quanto à orientação prática sobre o que é possível fazer para enfrentar o fenômeno que assalta o trabalho educacional de formar pessoas autônomas. É dispensável dizer que aqui não se trata de manual ou de receita curinga. Os resultados ora obtidos servem como modelo ou mapa circunstanciado que apenas prepara ou predispõe para um trabalho mais cuidadoso na tarefa educacional.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Nossa discussão bibliográfica contou com a análise de Émile Durkheim como motivação para compreender sociologicamente o fenômeno da automutilação, especialmente sua monografia exemplar: “O suicídio”. Esta tese brilhantemente defendida pelo fundador da sociologia moderna é necessária para relativizar os aspectos psicológicos de fenômenos que, aparentemente, são fenômenos meramente individuais. Afinal, tanto o suicídio quanto o autodano são perpetrados pelo indivíduo sobre si mesmo, sem haver necessariamente participação de terceiros no processo. Nos termos de Ortiz, como arquiteto e herói fundador da sociologia enquanto ciência (1989), Durkheim enfrentou preconceitos da época em relação aos fenômenos sociais a partir de seu conceito de fato social como sendo coisa externa e coercitiva em relação aos indivíduos (1978, p.94). Desse modo, ele percebe que papéis sociais como o da mulher, o da criança e o do homem médio em geral (homem comum) são menos propensos ao suicídio. Daí, ele pode concluir que “enquanto a sociedade não muda, o número de suicidas mantém-se inalterado. [...] Ora os efeitos através dos quais se manifesta esta força não varia consoante aos meios orgânicos e cósmicos mas exclusivamente consoante o estado do meio social.” (DURKHEIM, 1978, p.188) Em tempos de determinismos biológicos, geográficos, econômicos, etnocêntricos e racistas, como são os do século XIX, não é difícil deduzir a importância das afirmações de Durkheim logo acima. O sociólogo entende que cada grupo social tem uma inclinação coletiva específica, ou seja, uma forma de personalidade de grupo que constitui as inclinações individuais. Dessa personalidade coletiva derivam correntes de egoísmo, de altruísmo ou de anomia. Portanto, em boa medida, são tendências da coletividade que levam ao suicídio. (idem, ibidem, p. 185)

Sem negar a participação, a decisão e a influência dos indivíduos, o autor defende que a estabilidade ano a ano das taxas de suicídio indica a existência de certa moral coletiva que regula (ainda que de forma difusa e inconsciente) os comportamentos. Em pleno exercício de seu livre arbítrio, o indivíduo realizaria, mesmo a contragosto, os desígnios sociais que lhe estavam previstos de acordo com sua geração, idade, profissão,

religião, grupo social, nação, época, etc. (DURKHEIM, 2000, 419). Mais do que a personalidade individual, existe uma personalidade social da coletividade a qual a individualidade pertence e que a condiciona ou a determina diretamente. A sociedade chega a constituir personalidade à parte. (Idem, 1978, p.87) Em sua análise sobre o suicídio na Europa de sua época, Durkheim identificou pelo menos três tendências sociais fundamentais do fenômeno: a egoísta, a altruísta e a anômica.

. O número médio de suicídios, dos crimes de todo tipo, pode com efeito servir para marcar a elevação da imoralidade em uma dada sociedade. Ora, se fizermos a experiência, ela não redundará em honra para a civilização, pois o número desses fenômenos mórbidos parece crescer na medida em que as artes, as ciências e a indústria progredem. Sem dúvida, haveria alguma leviandade em concluir deste fato que a civilização é imoral; mas pelo menos pode-se ficar certo de que, se ela tem sobre a vida moral uma influência positiva e favorável, esta é muito fraca. (DURKHEIM, 1978, p.24)

Sem dar razão à subjetividade da filosofia rousseauiana e ao lado de um moderníssimo e esclarecido Maquiavel, o sociólogo fundador vê aí uma contribuição possível da sociologia enquanto ciência que tenta compreender a consciência coletiva e socializa-la objetivamente. De partida, ele diagnostica que, na modernidade, a atividade econômica não reflete um progresso moral. Pelo contrário, os grandes centros urbanos e industriais são palco da maioria dos crimes e suicídios. A divisão social do trabalho da civilização ocidental moderna atende a necessidades econômicas desligadas de necessidades morais. Logo, as relações sociais demonstram um desequilíbrio entre o eu e o outro e entre estes e a norma social. Sociedades com divisão social mais homogênea favorecem certo altruísmo, certa insensibilidade com as individualidades, exigindo pleno sacrifício em favor dos valores coletivos. Diante da heterogeneidade da divisão social do trabalho da sociedade moderna, o “outro coletivo” (seja o totem, seja a divindade, a nação, etc.) perde terreno para tendências egoístas e anômicas; desse modo, o senso de obrigação cede para o senso irracional individualista de um lado (economia) e para a liberdade sem limites do reino das artes. A ciência sociológica miraria racionalmente a formação do senso comum para alterar a formação do “homem médio”, buscando afetar o que Maquiavel chamaria de fortuna (ou simplesmente, acaso) em favor de um senso social objetivo rumo ao progresso humano (o que Maquiavel chamaria de virtù, ou de legado do bom Príncipe de um Estado autônomo).

Durante o processo de pesquisa operou-se uma mudança na pesquisadora adolescente que poderia confirmar o primado da educação sobre a imitação espontânea. De uma identidade com o caso egoísta, inerente ao individualismo neoliberal contemporâneo, ela passou para uma identificação com a anomia. É o que a sequência de poemas escritos e analisados por ela tentam demonstrar a seguir. Vale dizer que a sequência respeita o antes e o depois da passagem do tipo egoísta para o tipo anômico de tendência social.

O primeiro contato com a automutilação foi por volta de 12 anos, foi durante um surto de ansiedade. Acredito que isso tenha ocorrido por causa de uma conversa com o meu pai, na qual me senti totalmente insuficiente e triste. Depois desse episódio fui diagnosticada com depressão profunda, fazendo eu acreditar que seria melhor morrer. Mas ao invés disso mostrar para todos que estava sofrendo, então me automutilava para chamar a atenção dos meus pais e amigos. Comecei a escrever poemas/ textos sobre tudo que sentia.

[...] Meus pais e meus amigos iram chorar e se perguntar o porquê, mas eu estarei rindo, pois esperava esse momento há muito tempo, todos iram me amar, e vão dizer que a dor que eu sentia não era frescura, vão perceber que os cortes em meus braços eram um pedido de socorro e o jeito pelo qual permanecia viva.[...] (SANTOS, Vitória; 2018)

Esse texto traz a ideia de uma automutilação egoísta, pois os cortes tinham a intenção de obter um reconhecimento e de mostrar que estava sofrendo.

As vezes sinto que estou me afundando e fingindo que está tudo bem, só para não preocupar minha família e amigos. Cigarros matam, mas descobri que a tristeza também pode matar, as vezes por dentro, até que a pessoa decide acabar com tudo, já pensei nisso várias vezes, mas mesmo estando no fundo do poço, sinto que cada dia que passa é uma nova oportunidade de ser melhor e vencer essa maldita doença, essa maldita doença que me faz pensar que eu não vou conseguir, que seria mais fácil desistir, mas eu sempre fui teimosa, então sigo fingindo que nada me afeta, engolindo garganta a baixo a tristeza.

Prefiro que seja assim, prefiro tentar viver, prefiro TENTAR, prefiro mesmo me sentindo um lixo continuar de cabeça erguida, sei que isso vai acabar me matando aos poucos, mas eu prefiro fingir ser feliz, do que dar espaço para a tristeza. (SANTOS, Vitória; 2019)

Aqui esconde-se os cortes, nesse texto a automutilação serve como uma forma de alívio contra a pressão do mundo externo. Há um deslocamento do egoísmo para uma

certa anomia; ou seja, para uma insatisfação com as normas sociais, sem apelar para o afeto dos outros

Minha mente tá em outro lugar
Não consigo raciocinar
Pensamentos a milhão
E eu com o pé no chão

Causando estranhamento em meus próprios pensamentos
No coração levando a gratidão
Amor e respeito

Sociedade das hipocrisias
Mundo das aparências
Política, drogas e milícias

Onde vamos parar?
Liberdade de expressão por pouco tempo
Pessoas fingindo ser o que não são
Fazendo o que não gostam
Para seguir uma merda de padrão

Bem-vindo ao século do caos
Cuidado onde pisa
Sua cabeça tá na mira
Estão esperando você errar
Só pra te matar

Queria que fosse mentira
Infelizmente vivendo na época da hipocrisia
Tentando andar na linha

Estudar, fazer faculdade, trabalhar
Trabalhando pra não ter o pão de cada dia
Bem-vindo ao século da hipocrisia
Onde alguns dizem que o preconceito morreu
Se morreu me explica os 80 tiros em um carro de família
Se morreu por que pretos são vistos como traficantes na rua?

Cada 23 minutos uma mina é morta

Homossexuais sangram todos os dias
De 10 negros que morreram 18 era inocente
Preconceito não vai existir se você for branco, morar em uma casa
boa, e desfruta do tempo livre. (SANTOS, Vitória; 2019)

Ao ler esse texto senti a alegria de saber que me desvinculei do senso comum e estou na transição para ser uma pessoa autônoma, livre dos padrões medíocres da sociedade.

Na tentativa de construir o conceito de técnica do corpo, o antropólogo nos oferece uma aula sobre educação e sociabilidade:

Em todos esses elementos da arte de utilizar o corpo humano os fatos de educação predominavam. A noção de educação podia sobrepor-se a de imitação. Pois há crianças, em particular, que têm faculdades de imitação muito grandes, outras muito pequenas, mas todas se submetem a mesma educação de modo que podemos compreender a sequencia dos encadeamentos. O que se passa é uma imitação prestigiosa. A criança, como o adulto, imita atos bem-sucedidos que ela viu ser efetuados por pessoas nas quais confia e que têm autoridade sobre ela. O ato se impõe de fora, do alto, mesmo um ato exclusivamente biológico, relativo ao corpo. O indivíduo assimila a série dos movimentos de que é composto o ato executado diante dele ou com ele pelos outros.

É precisamente nessa noção de prestígio da pessoa que faz o ato ordenado, autorizado, provado, em relação ao indivíduo imitador, que se verifica todo o elemento social. (MAUSS, 2003, p. 405)

Mais adiante, ele nos presenteia com um canto de caça australiano:

Golpeia-o com o tufo de plumas de águia (de iniciação, etc.),
Golpeia-o com o cinto,
Golpeia-o com a faixa de cabeça,
Golpeia-o com o sangue do braço,
Golpeia-o com mênstruos da mulher,
Faz ele dormir. (idem, ibidem, p. 406)

Com um pedaço de cristal na boca, um nativo australiano sai à caça cantarolando uma fórmula como essa logo acima. Assim, convence-se de que consegue perseguir, cansar e matar sua presa muito esperta (um gambá). Eis um exemplo do que Mauss classificara como técnica do corpo. Objetivamente, a técnica não está resumida ao uso de um instrumento físico externo. O corpo já é um instrumento em si mesmo. As técnicas do corpo são transmissões tradicionais realizadas por autoridades prestigiadas e que são reproduzidas pela confiança que seus imitadores têm em sua eficácia. Aqui, em plena

mediação social, as técnicas do corpo se confundem com ato mágico, religioso e simbólico. Noutra ponta, o psicológico, o autor do gesto o percebe como um ato de ordem mecânica, física ou físico-química e é efetuado com o desejo de obter esse resultado. As técnicas do corpo contêm elementos sociológicos que distinguem o ato masculino do feminino, o distinguem por idade e também por destreza. (Mauss, 2003, p. 406-407)

De modo similar ao efeito que o canto de caça australiano tem sobre a eficaz relação entre a mente e o corpo do caçador, podemos demonstrar como a organização das palavras, dos discursos e dos sentidos desenvolvidos ao longo da pesquisa mudou a disposição da Vitória. Na medida em que se dava conta de como o senso comum pode iludir com soluções falsas, ela trocou os cortes pela compreensão da crítica durkheimiana ao descompasso moral da modernidade. Pode-se perceber isso quando ela afirma sua insatisfação com as normas sociais, sem haver que apelar para o afeto dos outros. “A automutilação posso ser explicada de varias formas [...]” esse pequeno lapso gramatical (ou psicopatologia do cotidiano, como diria Freud) diz muito sobre a experiência da técnica do corpo, tal como elucidada por Mauss. Durante o processo de compreensão do fenômeno, ela percebeu as várias formas como ela mesma pode ser explicada. Não é à toa que ela se confunde com o próprio fenômeno, que ela está transformando em algo novo para ela. Certamente que o fato dela ser lida por outros pesquisadores/ avaliadores, de discutir com seu orientador sobre o tema agrega a confiança e a autoridade que se esperam daqueles que representam uma instituição pública de ensino que pretende desenvolver a omnilateralidade humana, reunindo palavra e corpo no ato social. Temos da experiência da prática social gerada a partir do uso sistemático da razão a lição de como, por meio da distribuição de seus recursos (de todo tipo) para determinadas instituições, projetos, ideologias, a sociedade pode equilibrar as tendências egoístas, altruístas (submissas/autoritárias, devíamos dizer aqui) e as anômicas.

A sociologia brasileira precisa disputar a opinião pública desde a escola. No caso analisado aqui, o ensino de sociologia (por meio da pesquisa) foi capaz de cumprir o que Durkheim prometeu. Por isso, não deixaremos nem à indústria cultural, nem à religião, o privilégio de dar “testemunhos” dos seus resultados práticos. Contaremos os casos que nos ocuparam e nos fizeram reavaliar o modo de fazer pesquisa a partir da dinâmica do jogo de relações sociais atuantes durante o processo. Criamos nomes mitológicos para representar a intimidade pessoal. Tudo para evitar compromissos com preconceitos e os assumir com a dignidade da condição humana. São Vênus, Diana e Ariadne, cada qual

com seu universo simbólico (social) próprio. Ficará notável a diferença entre os casos, bem como a relativa eficácia da discussão sociológica do problema do autodano entre adolescentes estudantes do nosso Câmpus.

Chamaremos de Vênus a discente que nos procurou espontaneamente quando nos viu a estudar o tema da automutilação. De família abastada, sentia seu corpo fora do padrão e, ao mesmo tempo, as novas possibilidades de reconhecimento social entre os outros/as adolescentes despertadas pela puberdade. Dessa forma, padrão social e realidade do corpo se chocaram. Para ela, as atrações sexuais mostraram o quanto mais interessante eram suas próprias possibilidades em comparação com as expectativas românticas cultivadas ao longo da infância. Todavia, os contos de fadas foram contados e demonstrados por pais amorosos, que nunca faltaram com a responsabilidade e o cuidado que se espera deles na criação de seus/suas filhos/as.

Desejo do corpo e culpa social comporiam sua angústia. Rica em comparação aos demais, vivendo numa família como ela deveria ser e, mesmo assim, angustiada. Quantas críticas cabem no senso comum para este comportamento? O egoísmo se destaca, juntamente com todos os ressentimentos sociais que ele desperta no ambiente de convívio carregado de ressentimentos. Como ela poderia “reclamar de barriga cheia”? Perguntaria um ditado popular. A marca deixada pela automutilação foi a forma de provar a ela mesma e aos mais confiáveis a urgência do problema. Não era para todos que ela contava a respeito do seu autodano, ele ficava escondido pelas roupas. Parecia truque de mágica. Ao participar de nossas discussões a narrativa descrita acima foi organizada e, junto com ela, desenhou-se um mapa de atuações que levaria Vênus a vivenciar (sem a aflição aterradora da culpa) sua liberdade sexual.

Atualmente, ela já entende que sua vida sexual é até melhor do que a de seus pais. A mãe parece fazer vista grossa, cobrando a responsabilidade que o ato sexual implica em função das consequências que pode acarretar. O encantamento com a própria capacidade de articular e desarticular relações sociais fez com que ela, até mesmo, submetesse seu corpo à regimes para o adequar aos padrões. Essa adaptação ao padrão de beleza que se espera do corpo feminino operou um incremento na sua ousadia, a ponto de perceber que ela também pode ensinar sobre liberdade e responsabilidade seus/suas colegas mais imaturos, de forma leve e brincalhona. Como agora ela atende a um padrão aceito por um grupo ainda maior de gostos, sua influência já alterou o clima da turma a que pertence e os modos e olhares que a assaltam no trânsito dos pátios e corredores.

Diana aparece como novata de primeiro ano. As escolhas de roupas contrastam seus longos cabelos com a pele exposta pelos seus ombros. Ela enfrenta os olhares com certo cálculo entre a altivez e a humildade. Levou um tempo até ela se integrar às discussões. Mas, vivendo na sociedade que se mutila, ela veio durante um protesto contra os cortes econômicos na educação federal. Seus braços traziam as mais diversas cicatrizes, vários cortes, de várias formas. A luta dessa amazona se impunha. A mudança de uma cidade maior para outra menor acarretou o desemprego do pai, sobrecarregando a mãe, funcionária pública. Não é difícil imaginar o peso que as frustrações de um declínio social exercem sobre um ambiente familiar. Durkheim já demonstrara em sua obra sobre o quanto a decadência econômica (e não a pobreza em si) favorece o suicídio pela perda de status social.

Pintado na mente das pessoas está um cenário em que, quando a esposa sai para trabalhar e o marido não, então é porque o homem é um fraco. Um quadro sádico e humilhante para o homem. Nessa pintura, restam as sombras do homem que vê no controle da sexualidade da própria filha a oportunidade de exercer a repressão desejada sobre um corpo (objetivo ou subjetivo) mais fraco para o enfrentamento das dificuldades da vida. Neste cenário, Diana relata que havia se tornado comum ela haver que desfazer amizades para minimizar as suspeitas em casa. Agora, amiga de uma poderosa Athena (melhor amiga de turma/classe), ela voltava a correr o risco de perder a companhia que a ajudava a transitar pelo novo espaço em segurança. Talvez, cogitamos, os pais temam a homossexualidade. A vida sexual de Diana é mais complexa do que pode parecer à primeira vista aos padrões sociais. Sua atuação social fez orbitar ao seu redor algumas possibilidades de romance hétero ou bissexual, simultaneamente, sem estardalhaço. Todavia, toda delícia de experimentar a vida só se efetivava no ambiente escolar. Voltar para casa era um martírio.

Em casa, qualquer reação poderia ser interpretada como falta de respeito ao sacrifício que é depositado no altar dos boletos que vencem amanhã, sem falta. Enquanto para Vênus aparecia o medo de romper com o conto de fadas, para Diana, era o pecado da ingratidão que ardia em cada ferida exposta. Ela precisava ouvir que se tratava de frescura de quem ainda não sabe o que significa sofrer de verdade; ou seja, de quem não sabe ainda qual é o verdadeiro sacrifício. Apelamos para a equipe socio-pedagógica para mediar a conquista de um atendimento psicológico. O pai parecia disposto a reconhecer essa necessidade.

Após várias idas e vindas, várias faltas, várias avaliações escolares perdidas, Diana passa a frequentar ajuda terapêutica profissional. A alegria dos pesquisadores se realiza a cada vez que vemos se aproximar o belo e ruidoso grupo de amantes de Diana. Ela e sua amiga compõe o núcleo que forma duas mulheres fortes no embate contra os contratempos da vida familiar. Ao redor, fugindo da própria insegurança, dois garotos e uma garota recém-chegada ao grupo (e ao mundo da bissexualidade) amam aprender com a força delas. Elas desfilam, passeiam, param nesse ou naquele ponto e são observados, admirados, invejados e até temidos por outros grupos. Ele já se tornou centro de um sistema solar próprio dentro da galáxia escolar; pequenos grupos de excluídos desta ou daquela forma orbitam ao seu redor. Vê-se logo que este grupo já se constituiu em aliado fundamental para nossa pesquisa.

Finalmente, Ariadne. Assim que percebemos o isolamento em que ela se encontrava, fomos a busca de saber as razões. Seu olhar nos autorizava. Poucas palavras, cada uma era uma vitória. Lentamente, pela conversa, chegamos a um quarto de uma adolescente considerada muito rica pelos seus colegas de escola. Ela mora nele a maior parte do tempo, convivendo com suas músicas, séries, medos e desejos. A presença da mãe se aproxima da porta vez ou outra para perguntar se está tudo bem e exortar para que ela saia e interaja mais nos outros ambientes. Afinal, a irmã mais velha não tem problemas de se locomover pela casa, por que Ariadne teria? Nada muda. O pai é relativamente distante. O fio de Ariadne é desenrolado por Dioniso, namorado que não deixa essa pequena vida à deriva na mais completa solidão. Mesmo assim, ela abraçava o próprio silêncio com intensos arranhões.

Somamos força com a terapeuta que a acompanha, bem como com o grupo sócio pedagógico do Câmpus. Não muito após grave crise de ansiedade que nos levou a uma Unidade de Pronto Atendimento municipal, com a devida autorização dos pais, um desdobramento surpreendente. O clímax gerado entre os pais dela foi um bom pretexto para chama-los para uma conversa com a equipe socio-pedagógica do Câmpus. Seria a primeira vez que o casal iria pela filha para uma reunião escolar sobre ela. Dias depois, ela nos chama no corredor de sua sala de aula para nos mostrar a quantidade e a profundidade dos arranhões que fez no próprio colo. “Foi a última vez”, ela nos disse. Até agora isso tem se comprovado. Ver o constrangimento que os pais tiveram para conversar sobre ela com autoridades públicas foi suficiente para ela fazer seu último

grande ritual, a fim de se purificar da culpa pelo que fez seus pais enfrentarem. Vingança? Não nos cabe aqui averiguar a esse ponto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Perfazendo uma intrigante etnografia do corpo na contemporaneidade, Le Breton relata o caso do “primitivismo moderno” de um tal de Fakir Musafar. Esse personagem pratica marcas e rituais tribais descolados de seus sentidos originários, ou seja, de suas comunidades legítimas, “primitivas”. Musafar considera primitivo moderno todo aquele que não é tribal, mas mesmo assim reage a uma “urgência primal” e que faz alguma coisa com seu corpo. O antropólogo analisa que o caráter humanizador que a marca exerce como resposta a alguma angústia ou prazer de certo grupo originário perde-se na forma de um simulacro para atender angústias da cidadania neoliberal, encarnada no primitivismo moderno. O autor cita certo Mark Dery quando este define o primitivismo moderno como uma espécie de fetichismo da escravidão. Musafar submete seu corpo às mais duras provas de resistência à dor. (LE BRETON, 2003, pp. 37-39) Não se trata aqui de uma reminiscência da mulher que se agacha, pega a vassoura para esconder a ferramenta de sua profissão atrás da porta da casa do patrão? A grande vantagem de Musafar é a de que ele é um empresário da imagem de seu próprio corpo, tanto quanto o motorista de Uber é dono de seu veículo (e se acha autônomo pela propriedade da coisa – por vezes, precária).

No universo do trabalho intermitente, as comunidades também são fugazes, assim como a história da vida humana. Para não perder a própria história marca-se

[...] uma relação amorosa, uma conveniência de amizade ou política, uma mudança de status, uma lembrança em uma forma mais ou menos ostentatória ou discreta, na medida em que seu significado permanece muitas vezes enigmático aos olhos dos outros e o lugar mais ou menos acessível a seu olhar na vida cotidiana. [A marca] é memória de um acontecimento forte, da superação pessoal de uma passagem na existência da qual o indivíduo pretende conservar uma lembrança. Uma reivindicação de identidade que faz do corpo uma escrita com relação aos outros, uma forma de proteção simbólica contra a adversidade, uma superfície protetora contra a incerteza do mundo. (LE BRETON, 2003, p. 39)

Pouco adiante, o autor ainda argumenta que

As marcas corporais implicam igualmente uma vontade de atrair olhar, de fabricar uma estética da presença, mesmo se o jogo permanece possível de acordo com os locais de inscrição, estejam elas permanentemente sob o olhar

dos outros ou somente daqueles cuja cumplicidade se busca. [...] [A marca] é muitas vezes vivida como a reapropriação de um corpo e de um mundo que escapam; aí se inscreve seu vestígio de ser, toma-se posse de si mesmo, escreve-se um limite (de sentido e de fato), um signo que restitui ao sujeito o sentimento de sua soberania pessoal. [...] Na falta de exercer um controle sobre sua existência, o corpo é um objeto ao alcance da mão sobre o qual a soberania pessoal quase não encontra entraves. (Le Breton, 2003, p.40)

Sob a órbita da “nova” lógica capitalista do livre mercado, o rebelde também é fofo, porque ele também foi criança e gosta de cães e gatos, uns tem até uma salamandra. O mundo de Vênus parece refletir essa condição. Ela esconde o corte porque sabe de certa injustiça ou ingratidão. Todavia, foi por meio dele que ela tentou se comunicar com seus pais e que encontrou legitimidade para nos procurar enquanto confiáveis colegas pesquisadores do fenômeno. Enquanto o ferimento punk é em nome da dor real, o ferimento real da automutilação de Vênus é em nome de uma dor social (que dói justamente porque não obteve reconhecimento e, portanto, validação para se apresentar em certos contextos). Logo, vê-se como o caráter republicano, laico da escola pública consegue abrir brechas de um tipo novo de reconhecimento pelo senso comum de determinado progresso social que pode se consolidar amanhã ou na próxima geração. Todo lugar social é lugar de origem, mas nem todos desfrutam desse status de legitimidade entre si.

Finalmente, presença feminina no espaço escolar - derivada de duras lutas de trabalhadoras ao longo do tempo -, o corpo de Diana (a mulher que não pode optar por não ser guerreira) já desponta no horizonte social como fonte de legitimidade. O corpo daqueles que não têm outra opção que não venderem no mercado seus corpos com seus atributos físicos imediatos, inclusive os de capital simbólico e cultural. A história de Diana tem sofrimento e angústias francamente compartilhadas, vividas à flor da pele, especialmente porque está exposto aos olhares. Seu corte é autêntico nesse cenário escolar aos olhos de todos. O corpo da filha dos que trabalham no limite de sua dignidade social merece ostentar as cicatrizes de uma sobrevivente. Muitas perversidades existem nesse imbróglio que é o corpo da adolescente periférica que se emancipa por meio das técnicas sociais do corpo que ela instrumentaliza, para ser uma espécie de guerrilheiro anticapitalista do universo simbólico do próprio sistema. Os cortes se juntam às tatuagens, às tendências peculiares/excludentes de redes sociais que afetam vestuário, postura, objetos, músicas, livros, filmes, séries, etc., todos compartilhados entre os “confiáveis”.

Diana pode se esforçar e lutar por si com seu próprio corpo, é com ele que ela paga seu dever. Quantas serão as contrariedades da mãe cujos esforços parecem insuficientes sem os do pai? E as do pai que não consegue emprego ou renda suficientes para reconquistar o patamar de “homem da casa” ou de “chefe de família” ou, ainda, de “homem de bem”? O que não dizer de uma menina ingrata que, apesar de todo sofrimento dos pais, ainda tem a audácia de se automutilar? Assim, Diana vive entre a compaixão dos mais esclarecidos, a piedade dos mais religiosos e o ressentimento dos que, por alguma razão, também estão marginalizados e precisam inferiorizar o outro para se destacar como crítico sagaz. Acreditamos que vale a pena deixar registrado o fato de que os casos aqui descritos são exitosos, nenhum desses corpos insistiram na prática do autodano.

REFERÊNCIAS

ADLER, Alfred. A CIÊNCIA DA NATUREZA HUMANA. São Paulo: Companhia Editorial Nacional, 1967.

BRAGA CAVALCANTE, João Paulo. Redes de depressão e cutting no cenário jovem alternativo: uma contribuição sociológica acerca da automutilação. In: CONGRESSO PORTUGUÊS DE SOCIOLOGIA 40 ANOS DE DEMOCRACIA(S): PROGRESSOS, CONTRADIÇÕES E PROSPETIVAS, 8., 2014. Évora: Universidade de Évora, 2014.

CASTILHO, Paula; GOUVEIA, José P.; BENTO, ELISABETE. Auto-criticismo, vergonha interna e dissociação: a sua contribuição para a patoplastia do auto-dano em adolescentes. In: PSYCHOLOGICA, 2010, 52, Vol. II, 331-360.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Chistian. A NOVA RAZÃO DO MUNDO: ENSAIO SOBRE A SOCIEDADE NEOLIBERAL. São Paulo: Boitempo, 2016.

DURKHEIM, Émile. EDUCAÇÃO E SOCIOLOGIA. Petrópolis, Rio de Janeiro, 2011.

_____, ÉMILE DURKHEIM: SELEÇÃO DE TEXTOS. São Paulo: Abril Cultural, 1978

_____, O SUICÍDIO: ESTUDO DE SOCIOLOGIA. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

FREUD, Sigmund. O mal-estar na civilização. In: OBRAS PSICOLÓGICAS COMPLETAS DE SIGMUND FREUD: EDIÇÃO STANDARD BRASILEIRA. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

LE BRETON, David. ADEUS AO CORPO: ANTROPOLOGIA E SOCIEDADE. Campinas, SP: Papirus, 2003.